Crônicas

de arte, de história, de costume, de cultura da vida

Arquitetura
Pintura
Escultura
Musica
Artes Visuais

4

Diário de Noticias — Cidade do Salvador, 28 de setembro de 1958

A Escola e a Vida

A União Brasileira de Escritores denunciou aquilo que definiu como um atentado á cultura, á liberdade democratica e á liberdade de pensamento, por parte de uma comissão de "censura", nomeada pelo diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná e que teria eliminado da biblioteca daquela escola alguns autores julgados nocivos á juventude, entre os quais Sartre, Eça de Queiroz, e Jorge Amado e a obra do educador Anisio Teixeira.

Este ato, superando os limites das liberdades e da democracia, justamente denunciado pela União Brasileira dos Escritores, atinge um problema bem mais grave e urgente: o da Escola, fundamento da constituição de uma Nação formada por cidadãos responsaveis, verdadeiros colaboradores, criadores da vida democratica do País e não crentes desinteressados num Estado abstrato que pensa e resolve por eles. Esta consciencia, este espirito coletivo de colaboração tem que existir desde a escola, que deveria opor á regra, que é a mesma da sociedade, "cada um por si" á regra "um por todos e todos por um". A igualdade de todos os cidadãos em face á instrução, a obrigação de uma educação igual para todos até o ponto crucial da escolha da profissão, seja intelectual ou manual, é tarefa do Estado democratico, expressão viva da coletividade. A função do professor é essencial e responsavel do grau de civilização de uma nação. A formação de um corpo de educadores, consciente das proprias responsabilidades, acostumado ao trabalho de equipe, em luta rigorosa contra o diletantismo, á improvisação, á solução dos problemas por meio da "oratoria" e "declamação", tem que ser a base da nova escola.

A escola é a cultura de um país; a escola que se tornou a antitese da vida tem que ser a propria vida. Entre a escola e a vida não pode haver solução de continuidade. Sobre uma escola obrigatoria, igual para todos que vá até os limites da especialisação, que seja preparo á vida, criando o costume da auto-disciplina intelectual e da autonomia moral, e em que se baseia a esperança do novo humanismo. Uma escola da coletividade, quer dizer do Estado, que proporcione a todos, indistintamente, o método criador pela ciência e pela vida, método cuja comunicação seja monopolio da Escola e não do acaso da vida prática.

Este é o sentido mais profundo do atentado da Universidade do Paraná. Um atentado á escola, á liberdade da escola: liberdade sem a qual, a Escola não poderá se organisar na forma que uma nação democratica requer, forma que a escola anciosamente procura, e poderá ser retardada mas não impedida.

Vista da seção masculina da Escola Carneiro Ribeiro (arquitetura do Diogenes Rebouças) que deu solução ao problema basico do trabalho coletivo dos alunos projetando um grande ambiente unico que somente os moveis dividem idealmente as diversas seções. Anisio Teixeira, organizador tecnico do tipo da escola, realisou, neste obra, o ideal do trabalho coletivo, como preparação espiritual, eliminando desde o começo os complexos individualistas.

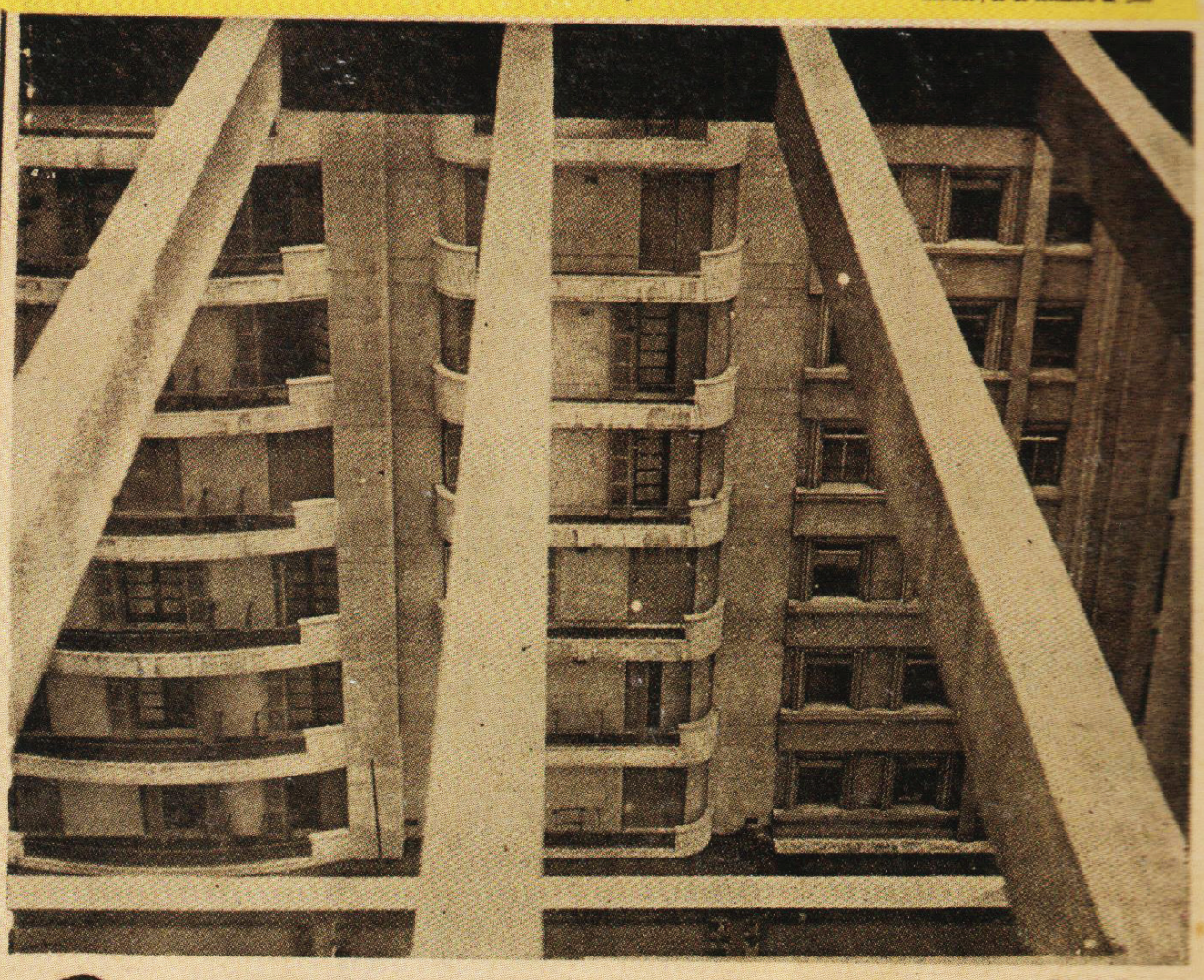

Foto O. T.

Olho sôbre a Bahia

Não é Salvador. É uma daquelas cidades que poderíamos, chamar depois do famoso filme americano, "Jungle do Asfalto". Uma jungle onde as grandes arvores foram substituidas pelas colunas de concretos armados, a vegetação entrelaçada, pelo emaranhado das paredes, dos telhados o cipó pelo confusão dos fios, cabos, tubos; o capête de folhas pelo asfalto quente que agarra aos pés. E tudo duro, cinzento, igual, sem uma presença vegetal, sem céu, tudo aquecido, aferventado, humido, sujo e molhado: Jungle de Asfalto. A cidade construida pela especulação, cidade sem amor e sem esperança, onde os homens se acostumam á solidão e á indiferença, onde esquecem de ser homens. Fria prisão do espirito que olha aviltado, dentre as grades de concreto de uma janela o esqualido panorama. Todavia, esta cidade, a cidade da época industrial, foi cantada pelos poetas que a pressentiram no futuro da fantasia, polida e cintilante, com seus ritmo mecanico, as suas pontes e as suas estruturas mas e puras, as suas fábricas, as suas oficinas, as suas casas, as suas máquinas que deveriam libertar os homens da escravidão das castas, para fazê-los todos iguais.

Não é Salvador. É uma cidade que até poucos anos atrás tinha pequenas casas de barro e de estuque, como hoje Salvador, grandes arvores sobreviventes nas velhas casas senhoriais pequenos jardins atrás de muros. Cidade modesta, insuficiente, provinciana, cidade menina que deveria crescer, cidade atrasada, mas cidade de homens, casas de homens, contriada pelos homens. E, de repente sem planos, sem contrôl, a cidade cresceu, extravasou, e como uma doença misteriosa, fugiu ao contrôle humano, dirigida pela abstração financeira. E a cidade moderna, preconisada, niveladora das classes humanas, transformou-se na cidade das castas e os homens-homens fugiram á periferia, mais perto dos campos e das arvores, mesmo se um pouco sujos, como são os dos arrabaldes. A grande cidade cantada pela fantasia dos poetas é hoje sinônimo de dura negação de vida, retorica dos especuladores que glorificam a sua grandêsa e o seu progresso, que aviltam os homens, na negação de tudo o que é necessario ao homem para viver. Falsa retorica que repugna a quem tenha o sentido de responsabilidade coletiva não seja conivente de interesses financeiros, ou se sinta satisfeito com uma falsa literatura.

Não é Salvador, mas e poderia ser.

"FOGÕES" Desenho de B. B.

RESPOSTA

Mario Cravo JUNIOR

O pequeno dialogo "Acusação e Defesa", publicado, nesta pagina, domingo passado, provocou violenta reação. Esta reação publicamos abaixo e está assinada. Por nossa parte, limitamo-nos a dizer que a técnica não pode ser excluida da critica de arte, que por sua vez, não pode continuar, numa sociedade que procura dramaticamente, a propria integração ética com a máquina, na abstração idealista formal. Isto é, para nós, o sentido positivo desta reação, um pouco impulsiva mas simpatica. — RED.

Muitos conhecem e falam, alguns chegam até a escrever sobre arte, todo tipo de arte, particularmente "arte plástica" inclusive escultura. Podemos notar através da crônica especializada, das palestras e papos que temos, sem duvida, uma "pléiade" de intelectuais opinantes e mais que isto julgadoras de verdades e de axio, mas O curioso é que em uma

(Conclui na 2a. pág.)

ANTOLOGIA

Critica de Arte

Neste velho recorte de jornal da terra, está uma carta publicada e que nós transcrevemos como um modelo perfeito para determinado gênero de critica de arte e que se não a vemos mais com tanta assiduidade nas colunas da imprensa bem representa ainda um estilo de gôsto, hoje mais oral do que escrito.

Recebemos, para publicação:

Foi na estupenderrima noite do dia 19 de Fevereiro, sentindo ainda o cálido sôpro do dilúculo, que ouvi o estonteante concerto, o 221º, magistralmente orientado pelo insigne maestro Anfilofio, que com sua austera batuta, liricos teclados, gemedores violoncelos, soluçantes violinos, transportaram-nos ás manaêes de eternas felicidades.

Lá ouvimos os melodiosissimos noturnos de Chopin, os fás agudos de Paganini, os baritonos de Wagner e a realidade dos sonhos nostálgicos e merencóricos de Beethoven!

E sis a nota que acrescento: Dileto prof. Anfilofio, ao lhe augurar felicidades, não quero recorrer aos nomes apoteóticos da mitologia grega, não invoco Calliope, nem as Ninfas do Tejo, e nem tão pouco as Tágides que Camões cantou glórias! porque sou Cristão e "Amo a Biblia" mas quero implorar, quedado de joelhos, a misericórdia de "Deus" para lhe acompanhar em sua carreira tão alcantilada, porém semi-divina!

Que a vida lhe sorri e anésima potência, como as águas tranquilas e fleugmáticas de um lindo e quieto lago.

Do eterno amigo e admirador de sua educação. (a.) J. Guimarães Alves, estudante de Teologia de São Paulo — Brasil.

DOCUMENTOS

Reunião de Mestres

Em 1862, reuniu-se o Congresso de Pedagogia, em Buenos Aires. Ilustres professores vieram de várias partes da América. Sisudos senhores, mestres de gerações, entre êles Abilio Cesar Borges, que encheu a sua época como dos nomes mais gloriosos do ensino brasileiro. Abilio Cesar Borges era não sòmente o mestre, mas o terror de muito rapazinho sensível. Entre êles, Raul Pompéia, que viria caricaturar o professor em seu magnífico romance "O Ateneu". Nesta fotografia, tirada durante o Congresso, está Abilio Cesar Borges, a vai publicada, por gentileza do Instituto Histórico da Bahia.

"Caboclinho" do Recife (Foto D. D. C.)

O Indio Barrôco

Martim GONÇALVES

Os navegantes francês do século XVI qu faziam o mrcado do pau de tinta, aves e animais exóticos do Brasil, de uma feita levaram também 50 índios brasileiros que foram então apresentados a côrte de Henrique II e Catarina de Médicis. O sucesso dos selvagens brasileiros foi completo e logo se estabeleceu na Europa um gôsto pelo exotismo que atingiu o máximo no século XVI e prolongou-se até o fim do século XVIII. Mascaradas, cortejos e banquetes dançantes constituiam espetáculos frequentes naquela epoca. E quando os soberanos visitavam as cidades do Reino, eram acolhidos de maneira triunfal. Em Rouen, os índios brasileiros realizaram um combate simulado emcampo arranjado pelos artistas da Côrte com arvores, plantas e frutos artificiais e animado com aves e animais verdadeiros, trazidos do Brasil. O espetáculo, dizem os cronistas da época, foi de grande efeito. A Côrte ficou deslumbrada com as plumagens exóticas dos cocares e das tangas. Tornaram-se os índios figuras obrigatórias das festas reais e sérios concurrentes aos comediantes profissionais italianos, ingleses, gregos e espanhois que visitavam a França.

O gôsto pelo "ballet" desenvolveu-se com uma grande rapidez na côrte dos Valois. Henrique III, filho da rainha Catarina, que vigiava a decência de tais representações, comparecia muitas vezes em travesti á frente dos demais dançarinos. O organizador destes festivais eram o famoso violinista italiano, Baldasarino da Belgiojoso que não deixava de incluir os índios brasileiros que, de quando em vez, eram trazidos nos navios francêses para serem exibidos ante os olhos maravilhados do europeu. Homens cultos foram tocados pela singeleza daqueles sêres diferentes desde Montaigne até Rousseau, que se baseou neles para criar as romanticas teorias sobre o homem natural entregue á felicidade da vida primitiva.

Encontra-se na Biblioteca Publica de Nova Iorque um relato escrito e ilustrado por Yves d'Evrens, pai, "Suite de l'histoire des choses plus memorables advennées em Maragnan des années 1613 et 1614 (II)", em que aparecem os índios do "Maragnan" executando uma dança nativa diante de Luiz XIII, então com a idade de doze anos. Nunca mais o monarca deixou de assistir as representações dadas pelos selvagens da América. As gravuras mostram-nos em posições de dança. Infelizmente porém, a música não foi registrada.

Estas danças bárbaras passaram a fazer parte dos "ballets d Cour": deante do mes-

(Conclui na 2a. pág.)

Dois "Iuchaus" do carnaval pernambucano (Foto D. D.)

DA EDUÇAÇÃO MUSICAL

H. J. Koellreutter

A Idade Média era o mundo do anonimato. O período da história, que se inicia com a Renascença e termina em nossa época, era o mundo do "eu". O primeiro expandia-se através do "ser", o segundo através do "haver". O primeiro era determinado pelo "sentimento" irracional, o segundo pelo "pensamento" racional.

Ambos os mundos ainda exercem sua influência entre nós, em forma deficiente, porém, prejudicando assim o advento do novo. Essa situação é posta em evidência pela polémica sociológica e antropológica, que caraterizа a vida intelectual de nossos dias.

De um lado, a situação atual demonstra um individualismo extremo, de caráter puramente egocêntrico. De outro, um coletivismo extremo, de massa. Aqui: degradação do individuo. Ali: supervalorização do mesmo.

E essa divisão dualista, deficiente, que não apenas é uma das causas das lutas ideológicas, de que todos nós somos testemunhas, mas que pode ser sentida em qualquer terreno do pensamento humano, e também das artes.

Parece-me, no entanto, nenhuma das duas tendências poderá ser vitoriosa. Isso, porque ambas procuram alcançar o extremo. Todo o extremismo afasta-se do centro vital e é condenado a perecer. E que a distancia entre centro e extremo torna-se demasiadamente grande, partindo-se o laço, pelo que amos são ligados.

Eis o que parece ter acontecido em nosso tempo: o individuo, cada vez mais, é isolado, e a coletividade, cada vez mais, torna-se massa. Fenômenos que caracterizam sempre uma situação social em estado de deficiência.

A superação deste estado perigoso é, no entanto, somente possivel pela reorganisação das nossas relações com o outro, ou sejam as nossas relações sociais, e, também, das relações para conosco, isto é, com "eu", reorganisação esta, que somente poderá ser conseguida pela compreensão do todo de nossa existência.

Nenhuma disciplina possibilita melhor a compreensão da existência humana em sua totalidade do que a música, em seus aspectos estéticos e cientificos.

Assim, torna-se tarefa da educação musical, em nosso tempo, integrar o pensamento estéticomusical, do passado e do presente, numa nova realidade. E é necessário, que toda a atividade educacional se subordine a essa idéia e se relacione com os problemas estético-musicais, que a nossa época, como época de transição, apresenta.

E claro que, sob esse ponto de vista, a música já não pode ser considerada atividade intelectual isolada. Ela deve ser considerada uma parte de todas as atividades do pensamento humano e deve ser tratada como tal.

Somente a educação musical, que obedeça a esse principio, conseguirá fazer compreender ao jovem a totalidade da nossa existência, compreensão sem a qual não será possivel manter, em face da situação atual, a distancia necessária para a libertação de preconceitos e preceitos — enraizados no mundo do passado — que nos impedem de encontrar as fontes do pensamento, que caraterizará o futuro.

É por isso que a educação musical de nosso tempo, deve distanciar-se do preconceito, do preceito e daqueles postulados, que ainda constituem a base do ensino academico. É importante que a nova educação musical analise as possibilidades, latentes em nós e em nosso presente, possibilidade que estão em vias de realização.

Trata-se de preparar o jovem para o mundo de amanhã, de ajudá-lo a superar o [illegible] e materialismo de [illegible], [illegible] e individualismo [illegible], integrando-o no [illegible] total, que [illegible] da [illegible] de uma nova [illegible].

Título
"Crônicas de arte, de história, de costume, de cultura da vida: arquitetura, pintura, escultura, música, artes visuais". Edição 4, publicada no Diário de Noticias

Fonte
Biblioteca Pública do Estado da Bahia

ID
72088

POPULAR/MODERNO, CIDADE/UNIVERSIDADE
UFBA
70